



Páginas da guerrilha: uma análise do discurso da esquerda armada brasileira

Oriana de Nadai Fulaneti*

Resumo: Este artigo procura desenvolver algumas reflexões acerca da historicidade dos discursos, visando contribuir com os estudos semióticos por meio da realização da análise da estrutura e do funcionamento do discurso das duas organizações mais importantes da esquerda armada brasileira, a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), à luz dos conceitos retóricos de *éthos* e *páthos*. No contexto da ditadura brasileira e sob a influência de acontecimentos como a Guerra do Vietnam e a Revolução Cubana, entre outros, uma parcela da esquerda decide pegar em armas para lutar contra o governo, formando grupos militantes armados, que atuaram no Brasil entre 1968 e 1973. Esses grupos foram massacrados pelo regime militar, grande parte dos combatentes sendo assassinada e os sobreviventes passando por tortura, prisão, clandestinidade e exílio. No intuito de compreender a opção pela luta armada, bem como os valores e os impulsos de mobilização desses indivíduos, realizamos uma análise comparativa dos elementos éticos e passionais em documentos deixados pela ALN e pela VPR, com base nos princípios teórico-metodológicos da semiótica discursiva de linha francesa. A abordagem da noção de ator da enunciação e, em particular, da ideia de *éthos* e de *páthos*, a partir da perspectiva semiótica, revelou semelhanças e diferenças entre os discursos da ALN e da VPR, fundadas essencialmente nos aspectos passionais.

Palavras-chave: discurso da luta armada, semiótica discursiva, ator da enunciação, *éthos*, *páthos*

Introdução

*O mundo não é uma folha de papel,
receptiva: o mundo tem alma autônoma, é
de alma inquieta e explosiva.*
João Cabral de Melo Neto

A semiótica é conhecida entre as teorias discursivas por sua preocupação com a imanência, “fama” que costuma vir acompanhada de uma acusação, a de negligenciar aspectos históricos e ideológicos do discurso. No âmbito desse debate, surge a motivação primeira de nosso artigo, realizar a análise semiótica de um objeto que represente um capítulo da História do Brasil e abordá-lo buscando contemplar a historicidade do sentido. Para isso, escolhemos um assunto particularmente de nosso interesse, a luta armada contra a ditadura militar.

Em 1964, os militares, apoiados por parte da sociedade civil, dão um golpe de Estado que destitui o presidente João Goulart e inaugura no Brasil uma ditadura que se estende por 21 anos. Durante esse período, o país viveu um regime de exceção, sustentado por práticas repressoras.

Nesse contexto, e sob a influência de experiências internacionais, como a Revolução Cubana de 1959, a Guerra Revolucionária Chinesa, a luta de libertação nacional do Vietnã, entre outras, alguns militantes do período que antecede o golpe e muitos jovens ainda em formação política optam por resistir ao governo militar pela via armada. Eles lutavam contra o capitalismo, o imperialismo, o autoritarismo e a ditadura. Essa forma de resistência, conhecida como luta armada, ocorre no Brasil entre 1968 e 1973.

Vários grupos foram constituídos, oriundos principalmente de divisões internas das organizações políticas existentes antes do golpe. A maioria desenvolveu apenas atividades urbanas, que consistiam basicamente na expropriação de dinheiro e armas com o objetivo de equipar as organizações e fazer propaganda da luta armada. As ações de maior impacto foram os sequestros de diplomatas, o que deu visibilidade internacional para a guerrilha urbana brasileira, além de libertar inúmeros presos políticos.

Os guerrilheiros eram em sua maioria jovens, entre 20 e 25 anos, brancos e pertencente às camadas médias intelectualizadas (Ridenti, 1993, p. 56-72). Além

* Universidade Federal Fluminense (UFF). Endereço para correspondência: { od.fulaneti@uol.com.br }.

disso, todos foram massacrados pela repressão. Muitos combatentes armados morreram e poucos foram aqueles que não passaram pela tortura, pela prisão, pelo exílio ou pela clandestinidade.

A opção pela luta armada representa uma forma extrema de militância que gera opiniões, quase sempre calorosas. Algumas pessoas julgam-na fascinante, outras, incompreensível, mas poucas são aquelas que exprimem indiferença diante do tema. O lado incompreensível dessa atitude pode ser resumido com a seguinte pergunta: por que esses indivíduos se entregaram a uma “guerra” com tanta desigualdade de recursos? A indagação torna-se ainda maior quando a rebeldia, além de constituir uma atitude válida e legítima, pode colocar em risco a vida de um jovem.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é trazer contribuições para a formulação de respostas à questão anterior, ou seja, procurar entender melhor a luta armada brasileira, suas motivações e seus valores fundamentais. Para isso, não adotamos uma perspectiva histórica, nem sociológica, o que já foi feito por outros autores. Tomamos como base a perspectiva discursiva, pois entendemos que o discurso é uma forma importante de manifestação da política.

Com esse objetivo em vista, decidimos estudar o discurso de duas organizações armadas: Ação Libertadora Nacional – ALN, e Vanguarda Popular Revolucionária – VPR. A escolha desses grupos deve-se à importância dada a eles pelos estudiosos do assunto, por eles terem realizado muitas das ações mais relevantes e por deles terem feito parte os dois maiores líderes da guerrilha urbana brasileira: Marighella e Lamarca. Acreditamos, dessa forma, que essa seleção contemple parte significativa dos discursos da esquerda armada brasileira. Ressaltamos ainda que, metodologicamente, uma análise comparativa, ao revelar semelhanças e diferenças entre as partes comparadas, mostra-se bastante produtiva para a apreensão de suas características.

Os textos em estudo, grande parte inéditos, foram recolhidos a partir de uma vasta pesquisa nos principais arquivos que abrigam acervos¹ desse tema no Brasil, a saber: Arquivo do Estado de São Paulo, Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM; Arquivo Edgar Leuenroth – AEL (Unicamp).

A construção de nossas hipóteses partiu de um conhecimento prévio dos discursos supramencionados e de seu contexto. No entanto, na leitura do livro *A fuga*, de Reinaldo Guarany, encontramos uma afirmação que nos pareceu bastante significativa, a de que a guerrilha seduz rebeldes insatisfeitos. Se, por um lado, os discursos das Organizações armadas desenvolvem-se com o uso de inúmeros recursos que produzem efeito de sentido de objetividade e racionalidade, por outro lado, a luta armada, ao se constituir como uma manifestação de rebeldia e de insatisfação, demonstra

também a presença de elementos que conferem um efeito de sentido de subjetividade e que também seriam características desse discurso. Essas questões remetem mais ao campo da moralidade e das paixões do que da lógica e da racionalidade, motivo que nos levou a optar pela realização de uma análise que enfatize o caráter e as paixões, o *éthos* e o *páthos*.

Em síntese, com relação à escolha do tema, este artigo tem um objetivo geral e um específico. Primeiro, mostrar que os estudos semióticos revelam-se ricos em recursos para a compreensão de um período histórico; segundo, estudar a estrutura e o funcionamento do discurso das principais organizações que realizaram a luta armada no Brasil ao longo da ditadura militar – ALN e VPR.

1. Ator da enunciação: *éthos* e *páthos*

Adotamos como pressupostos teóricos e metodológicos a semiótica discursiva francesa, modelo teórico-metodológico de análise do discurso criado por Greimas na década de 1960. Com base nas pesquisas linguísticas de Saussure e, sobretudo de Hjelmslev, incorporando contribuições dos estudos de narratologia de Propp e da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, esse modelo considera a construção do sentido dos textos como um percurso com diferentes patamares, indo do mais simples e abstrato, ao mais complexo e concreto. Trata-se de uma teoria que revela grande capacidade heurística para as análises do plano do conteúdo, motivo pelo qual decidimos escolhê-la como base deste trabalho.

Tendo em vista os objetivos de nossa análise, as questões a serem aprofundadas, de caráter enunciativo, encontram-se sobretudo no nível discursivo. A partir de Benveniste, a enunciação tem sido largamente estudada pelas teorias do discurso. Semioticamente, só é possível investigar a enunciação, “instância logicamente pressuposta” (Greimas, 1983, p. 145), por meio da reconstituição das marcas que esta deixa no enunciado.

A enunciação é definida como “instância de mediação, que assegura a colocação em enunciado-discurso das virtualidades da língua” (Greimas, 1983, p. 146). Trata-se, portanto, da esfera responsável pela discursivização das estruturas sêmio-narrativas. A passagem para o discurso se faz com a instauração do sujeito da enunciação, exclusivamente linguístico, que, ao mesmo tempo em que produz o ato, é produzido por este. Por sua vez, a pessoa que enuncia encontra-se em um tempo e espaço específicos.

A enunciação, portanto, é o lugar do *eu*, *aqui*, *agora*, podendo instaurar no enunciado seu próprio simulacro ou forjar um eixo distinto, o do *ele*, *alhores*, *então*. Vale

¹ Vale ressaltar que alguns documentos da ALN e da VPR encontram-se publicados em obras organizadas por pesquisadores do assunto.

ressaltar que as marcas deixadas no enunciado não correspondem à verdadeira enunciação, logicamente pressuposta, mas à enunciação enunciada.

A sintaxe discursiva possui dois procedimentos fundamentais. Por um lado, o estudo das marcas da enunciação deixadas no enunciado; por outro, as relações entre enunciador, “destinador implícito da enunciação” e enunciatário, destinatário implícito. Nessa perspectiva, o ato enunciativo é visto como um fazer-ser que resulta no objeto-discurso. Assim, o enunciador, destinador manipulador, procura convencer o enunciatário, destinatário e destinador julgador, a crer verdadeiro o que se enuncia. Para isso, busca construir seu enunciado a partir de elementos e valores que imagina que o enunciatário considere positivos, o que faz com que este não seja apenas um receptor, mas um co-enunciador. Da perspectiva de enunciador e enunciatário como responsáveis pela produção do enunciado surge o sujeito da enunciação.

A relação enunciador-enunciatário tem sido bastante estudada pelas teorias do discurso, principalmente a partir de pesquisas sobre o *éthos*, conceito inicialmente proposto por Aristóteles. O filósofo grego, no livro I da *Retórica* (Cf. I, 2, 1356a 4-19) disserta sobre as três provas oratórias, igualmente importantes, que compõem a arte da Retórica, arte que visa à persuasão, não à verdade. A primeira, *logos*, lógica e objetiva, relaciona-se ao corpo da argumentação propriamente dita; as outras duas, *éthos* e *páthos*, de ordem moral e subjetiva, tratam, respectivamente, da autoridade (do caráter do orador) e das paixões de seus ouvintes. De outra maneira, esses três elementos relacionam-se aos componentes de um ato de comunicação: o discurso (*logos*), o orador (*éthos*) e o auditório (*páthos*) (Fiorin, 2004a).

A questão do *éthos* foi retomada e desenvolvida por diversas teorias do discurso, dentre as quais destacam-se a da Argumentação, a Pragmática, a Análise do Discurso e a Semiótica. A definição mais recorrente para esse conceito é “imagem de si”, ou seja, trata-se da imagem que o enunciador constrói de si para conseguir a adesão do enunciatário. É válido enfatizar que essa imagem decorre das escolhas enunciativas, do modo de dizer, não de afirmações auto-elogiosas proferidas pelo enunciador. Semioticamente, o *éthos* participa da formação da identidade do ator da enunciação, concretização temático-figurativa do sujeito da enunciação. Para depreendê-lo, busca-se, no interior da totalidade estabelecida, encontrar as recorrências existentes, como mostra Fiorin (2004b, p. 125):

Onde se encontram, na materialidade discursiva da totalidade, as marcas do *éthos* do enunciador? Dentro dessa totalidade, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou texto: na escolha do assunto, na construção das per-

sonagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias etc.

O *éthos* do enunciador define-se, portanto, pelas escolhas realizadas pelo sujeito da enunciação na construção de seu objeto, o enunciado. Desse modo, devemos buscar apreendê-lo a partir das recorrências encontradas em todos os níveis dos textos produzidos, ou seja, fundamental, narrativo, discursivo, e em relação com outras totalidades (interdiscurso).

Nossa análise volta-se, por um lado, para o *éthos*, na medida em que pretendemos depreender a “imagem de si” presente no discurso guerrilheiro; por outro, para o *páthos*, pois visamos também à depreensão das paixões que movem os guerrilheiros, bem como aquelas que eles acionam para conquistar adeptos.

Aristóteles dedicou os dezessete primeiros capítulos do segundo volume da *Retórica* ao estudo das paixões, definida na obra como “todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem diferir seus julgamentos” (Cf. II, 1). Assim, para ser eficaz em seu discurso, não basta o orador apresentar bons argumentos, é preciso também despertar nos ouvintes os sentimentos pretendidos, o que exige um bom conhecimento do auditório, de seu conjunto de crenças e valores.

Para o Estagirita, as paixões são vistas como um jogo de simulacros no qual respondemos à imagem do outro e àquela que cremos que este faz de nós. Sua descrição das quatorze paixões apresenta quase sempre um roteiro no qual busca-se compreender quem sentiria tal paixão, em relação a quem, e em quais circunstâncias. Observa-se, dessa forma, que a abordagem sobre o tema não é psicológica e subjetiva, mas social, as paixões são resultado de um contrato enunciativo. Nessa perspectiva, importa-nos analisar não apenas os discursos da ALN e da VPR, mas também as relações interdiscursivas relevantes (discurso de outras esquerdas, da ditadura etc.) para a constituição de sentido desses discursos.

Atualmente, muitos trabalhos da semiótica greimasiana têm desenvolvido estudos sobre o *éthos*, visto como imagem do enunciador, e começam a abordar também a temática do *páthos*, imagem do enunciatário. Fiorin, partindo do pressuposto de que o sujeito da enunciação é um ator que, portanto, deixa marcas no enunciado passíveis de serem depreendidas, disserta sobre a importância de apreendê-las:

Os atores da enunciação, imagens do enunciador e do enunciatário, constituem simulacros do autor e do leitor criados pelo texto. São esses simulacros que determinam todas as escolhas enunciativas, sejam elas conscientes ou inconscientes, que produzem os

discursos. Para entender bem o conjunto de opções enunciativas produtoras de um discurso e para compreender sua eficácia é preciso apreender as imagens do enunciador e do enunciatário, com suas paixões e qualidades, criadas discursivamente (Fiorin, 2004a, p. 77).

Ao longo do artigo supramencionado, o autor aponta a noção de *páthos* como um instrumento fundamental para o desenvolvimento de reflexões acerca das maneiras de depreender a imagem do enunciatário no discurso.

Pretende-se, com este artigo, depreender os atores da enunciação da ALN e da VPR, suas semelhanças e diferenças. Para isso, estamos realizando análise de textos produzidos por essas organizações. Do ponto de vista teórico-metodológico, nosso objetivo é trazer algumas contribuições para uma abordagem semiótica das noções de *éthos* e de *páthos*.

2. Análise

Após a apresentação do tema e dos pressupostos teóricos deste trabalho, passemos à análise. Os documentos estudados, cuja lista encontra-se em anexo, correspondem a textos produzidos e difundidos entre 1967 e 1969, período de preparação e lançamento da guerrilha no Brasil. De maneira geral, possuem como funções principais conquistar a adesão, entre os militantes de esquerda, para a luta armada; organizar a guerra revolucionária e formar seus membros.

A leitura do material revela a recorrência de três eixos temáticos². No primeiro, encontra-se uma avaliação da conjuntura nacional e das condições de surgimento da luta armada no Brasil (estado inicial); no segundo, aborda-se o perfil do guerrilheiro e sua formação (o sujeito e sua aquisição de competências); no último eixo temático, discorre-se sobre a guerra revolucionária, suas características e seu modo de preparação (*performance*). Diante disso, decidimos analisar esses três assuntos nos discursos da ALN e da VPR separadamente e, em seguida, tecer uma comparação entre eles.

Antes de passarmos à análise, é necessário fazer algumas ressalvas. Primeiro, devido às restrições de espaço, optamos por agrupar o segundo e terceiro eixo temáticos. Segundo, nosso objetivo não é realizar um estudo exaustivo de cada um dos assuntos, mas encontrar as características que nos pareçam mais relevantes, sobretudo aquelas que possibilitem a depreensão do *éthos* do enunciador e do *páthos* do enunciatário desses discursos.

² Vale ressaltar que os temas não surgem explicitamente separados, mas diluídos ao longo dos textos.

³ O primeiro número entre parênteses corresponde ao documento em que a passagem citada se encontra. Essa numeração tem como base a lista de documentos apresentada em anexo. Nesse caso, trata-se da reprodução de um trecho de "Operações e táticas guerrilheiras".

⁴ Vale ressaltar que a análise foi desenvolvida a partir do conjunto de documentos listados em anexo e que esses trechos funcionam apenas como uma amostragem.

2.1. Das relações interdiscursivas

2.1.1. ALN: inimigos locais, soluções práticas

A leitura dos documentos da ALN indica que sua análise de conjuntura prioriza dois alvos, a ditadura e a esquerda não armada. Observemos as passagens abaixo:

1. Implacável e impiedosa a ditadura recorreu à violência brutal. Ela persegue, bate e atira nas ruas; o medo e a insegurança prevalecem. No cárcere, as torturas são indescritíveis. Assassina e fuzila prisioneiros e suspeitos.

Ao terrorismo que a ditadura emprega contra o povo nós contrapomos o terrorismo revolucionário (8, p. 7)³

2. Prisões, espancamentos, assassinatos, a negação das liberdades e dos direitos dos brasileiros sob todas as formas é a constante da ditadura que há quatro anos se instaurou no Brasil. [...] Agora, o governo ameaça o povo com novas medidas de aprofundamento da ditadura, enquanto outros setores especulam com possibilidade de manobras e golpes liberalizantes. Uns e outros o que pretendem, na realidade, é manter a velha e carcomida estrutura que infelicitava os brasileiros. Os acontecimentos das últimas semanas deixaram ainda mais claro que devemos responder à violência da reação com a violência do povo, que o lema é olho por olho, dente por dente (6, p. 1).

3. Nossa estratégia é partir diretamente para a ação, para a luta armada. O conceito teórico que nos guia é que a ação faz a vanguarda. Seria imperdoável que perdêssemos tempo organizando uma nova cúpula, lançando os chamados documentos programáticos e táticos, inaugurando novas conferências, de onde surgiria outro Comitê Central com os vícios e deformações já conhecidos (6, p. 3).

O discurso da ALN, construído a partir de uma lógica bélica, trata a ditadura como o inimigo central, responsável pelo desencadeamento de uma guerra injusta e injustificada. Diferentes críticas são atribuídas ao adversário, sempre no intuito de desmoralizá-lo, como a acusação⁴ de má gestão econômica, de traição nacional, de subserviência aos Estados Unidos, de defesa da ideologia da classe dominante etc. Entretanto,

o que queremos enfatizar aqui é a condenação da face violenta e repressora da ditadura. Ao longo dos textos, observa-se o emprego de uma série de substantivos, adjetivos e verbos reforçando as características negativas da ditadura (implacável, impiedosa etc.), as ações violentas e opressoras por ela implementadas (violência brutal, persegue, bate, atira, torturas indescritíveis, assassina, fuzila, prisões, espancamentos, negação das liberdades, ameaça) e as paixões negativas que esta provoca na população (medo, insegurança, infelicidade). Observa-se, por meio desses recursos, que há no discurso da ALN um estímulo ao ódio contra a ditadura.

O enunciador revela-se um sujeito inconformado com as ações do governo militar e com a realidade do país; fortemente modalizado pelo querer fazer, querer reagir a essa situação. Outra característica que podemos depreender desse enunciador é a imagem de um sujeito do saber, conhecedor da política mundial, capaz de emitir julgamentos sobre a gestão nacional e distinguir as boas medidas daquelas que servem apenas para “enganar o povo”⁵. A combinação de elementos como a imagem de um enunciador politizado e detentor do saber, a pressuposição de um enunciatário também politizado, a busca em fazer crer que o enunciatário está sendo enganado e a ênfase nas violências da ditadura produz efeitos de sentido passionais que contribuem para a conquista de adeptos às posições do discurso produzido e para a apresentação da luta armada como uma obrigação: “Os acontecimentos das últimas semanas *deixaram ainda mais claro que devemos responder à violência da reação com a violência do povo, que o lema é olho por olho, dente por dente*”; “*Ao terrorismo que a ditadura emprega contra o povo nós contrapomos o terrorismo revolucionário*” [grifo nosso].

A segunda relação interdiscursiva anteriormente mencionada, a crítica da ALN à esquerda não-armada, desenvolve-se a partir da oposição semântica /ruptura/ vs /conciliação/, com euforização do primeiro. Trata-se de um discurso que defende romper com a maneira de fazer política até então valorizada como positiva por grande parte dos grupos políticos de esquerda e fundar novas prática e ética políticas. O principal alvo é o PCB, maior representante da esquerda comunista, criticado por “opção política conciliatória e pacifista”. O discurso da ALN afirma que a luta armada é a única forma de oposição possível, e prega a substituição do partido por organizações revolucionárias menos burocratizadas, que valorizem a violência e priorizem a ação em detrimento das discussões teóricas.

Esse enunciador, ao defender a ruptura com os modelos políticos antigos e a via armada como única

maneira de fazer a resistência, apresenta traços de um sujeito polêmico (ruptura), inquieto (busca o novo), circunscrito (exclusividade da luta armada) e realista (luta armada como único caminho viável).

2.1.2. VPR: inimigos globais, soluções teórico-práticas

Assim como a ALN, a VPR também constitui o seu discurso em oposição à esquerda não-armada; entretanto, diferentemente do que ocorre nos textos daquela organização, a ditadura não ocupa um lugar central de inimigo nos documentos da VPR, surgindo apenas como “representante local” do verdadeiro inimigo, o imperialismo. Vejamos alguns exemplos:

4. A luta hoje é uma só. No teatro de luta só se encontram duas forças, o imperialismo reacionário com seus funcionários vendidos e as massas objetivamente interessadas na revolução lutando diretamente pelo socialismo.

[...]

Nosso inimigo de classe é o imperialismo. [...] No entanto, no plano tático, nosso inimigo imediato, isto é, o inimigo contra o qual iniciaremos a luta são os representantes locais do imperialismo.

[...]

O regime que oprime o país é uma ditadura de direita apoiada no imperialismo integrado. Pelo seu caráter de ditadura, fere os direitos democráticos e as liberdades individuais mais elementares (11, p. 17).

5. Os teóricos do PCB transpuseram a realidade europeia, atrasaram um pouco o relógio – somos um país atrasado – e ficaram à espera de que o processo seguisse o mesmo caminho. O idealismo é evidente: o texto rege a realidade e a realidade é “transformada” para se adaptar aos textos transpostos (11, p. 4).

O discurso da VPR desenvolve-se a partir da dicotomia “capitalismo vs socialismo”, com euforização do segundo termo. O objetivo a ser alcançado é a revolução socialista, que deve ser construída por meio da fusão de conhecimentos teóricos com a prática. O destinador, valorizando o saber teórico, assume a filiação aos princípios do marxismo-leninismo. Dessa forma, produz uma análise de conjuntura apresentando a situação política e socioeconômica nacional de uma perspectiva mais global, como parte do imperialismo integrado; de modo análogo, a disputa entre a esquerda armada e a ditadura militar no Brasil é

⁵ Essa imagem de sujeito do saber pode ser depreendida, entre outros, pela passagem, “o que pretendem, *na realidade*”, na qual a leitura dos fatos políticos se apresenta como dividida em dois planos, o real e o ilusório, o que o enunciador não apenas sabe distinguir, mas também revela aos enunciatários.

abordada da perspectiva da luta de classes. Vale ressaltar que, nessa análise de conjuntura, surgem também menções ao funcionamento do capitalismo e do socialismo em outros países.

Adotando a perspectiva da relação de integração entre as instâncias global e nacional, o discurso aponta como verdadeiro adversário o imperialismo integrado, sendo a ditadura e a burguesia nacionais vistas como inimigo tático, postura essa que contribui para a formação de uma imagem desvalorizada deste adversário, considerado um simples representante do antissujeito.

Em seu modo de dizer, o enunciador faz uso de diferentes recursos que conferem ao discurso um tom científico, como a projeção predominante da terceira pessoa do singular, o emprego de citações (*O Capital*, Obras Escolhidas de Marx e Engels etc.), de notas de rodapé, de conceitos marxistas etc. Dessa forma, predomina na análise de conjuntura da VPR o efeito de sentido de objetividade e racionalidade que, somado à abordagem “global” anteriormente mencionada, diminui a intensidade do discurso. Ressalte-se que não encontramos nos textos manifestações de ódio nem em relação ao imperialismo nem à ditadura militar brasileira, o que reforça esse estilo racional e objetivo do enunciador.

No espectro da esquerda não-armada, o discurso da VPR, assim como o da ALN, mantém relações privilegiadas com o discurso do PCB. A principal crítica que se atribui a esse partido é de equívoco teórico. O enunciador, projetando-se como grande conhecedor do marxismo, procura mostrar que sabe aplicar corretamente os princípios teórico-metodológicos do marxismo-leninismo, apontando *erros* na análise de conjuntura e na estratégia revolucionária adotada pelos outros grupos de esquerda.

A análise anterior permite-nos depreender algumas características do enunciador da VPR: um sujeito que valoriza o conhecimento teórico-científico e se coloca na condição de detentor de um saber supervalorizado (o marxismo-leninismo), o que lhe confere um estatuto de superioridade em relação ao enunciário e a outros grupos de esquerda. Para que o discurso seja eficiente, é preciso que esse enunciário valorize os ensinamentos teóricos, creia nos princípios do marxismo-leninismo e sintá-se atraído pela ideia de revolução socialista.

2.2. O guerrilheiro e a guerra revolucionária

2.2.1. ALN: capitão e jogadores em campo

6. O guerrilheiro urbano é um homem que luta contra uma ditadura militar com armas, utilizando métodos não convencionais. Um revolucionário político e um patriota ardente, ele é um lutador pela libertação de seu país,

um amigo de sua gente e da liberdade (5, p. 2).

7. [...] O guerrilheiro urbano é caracterizado por sua valentia e sua natureza decisiva. Tem que ser bom taticamente e ser um líder hábil. O guerrilheiro urbano tem que ser uma pessoa preparada para compensar o fato de que não tem suficientes armas, munições e equipe (5, p. 2).

8. Hoje, ser “violento” ou “terrorista” é uma qualidade que enobrece qualquer pessoa honrada, porque é um ato digno de um revolucionário engajado na luta armada contra a vergonhosa ditadura militar e suas atrocidades (5, p. 1).

9. [...] A guerrilha rural brasileira deverá surgir em meios à rebelião social no campo, tal como a guerrilha urbana surgiu em meio à rebelião social na área das cidades. Os revolucionários no campo devem desde agora expropriar os latifundiários, assim como expropriamos os bancos e os carros e trens pagadores nas cidades (2, p. 58-59).

Nos textos que discorrem sobre preparação dos combatentes para a guerra revolucionária o discurso da ALN instaura em seu enunciado a figura de um guerrilheiro ideal, enfatizando suas habilidades físicas e morais. Assim, apresentam-se qualidades consideradas necessárias para um guerrilheiro, no âmbito do *fazer* e do *ser*, o que ocorre predominantemente na forma de um dever, como pode ser observado na presença do próprio verbo “dever” ou da expressão deontica “tem que”. A lista dessas qualidades é bastante extensa. Em termos do “ser”, podemos resumir as características com a seguinte narrativa: o sujeito que opta pela luta armada é considerado um indivíduo que decide conscientemente (consciente, decidido, firme) por uma ruptura (revolucionário, rebelde, radical), e tem confiança nela (confiante, tranquilo, seguro), mesmo sabendo que a luta é longa (paciente, persistente, perseverante). Por isso, age de forma exemplar (valente, audacioso, corajoso, ousado, combativo). Com relação ao “fazer”, surge também uma série de competências, como saber atirar, dirigir, pilotar avião, entender de mecânica, de primeiros-socorros etc. A extensa lista de habilidades e virtudes revela que o ator guerrilheiro caracteriza-se pelo *excesso*. Sua figura aproxima-se de um herói, um sujeito com um *status* diferenciado, que nem todos podem alcançar. Segundo o discurso da ALN, para ser guerrilheiro não basta estar modalizado pelo querer, é preciso estar em conjunção com outros valores modais, como *saber* e *poder fazer* a guerra revolucionária. A atribuição de tantas competências positivas funciona como uma estratégia para conquistar a adesão do enunciário.

Um aspecto bastante ressaltado nos textos da ALN são os valores morais da guerrilha, a “ética revolucionária”, apontada como fundamental para diferenciar uma ação guerrilheira de um banditismo qualquer. Com esse intuito, os documentos afirmam frequentemente a importância de haver, na implementação da luta armada, normas de conduta bastante rígidas. Além disso, o guerrilheiro é apresentado como um “um amigo de sua gente”, que “defende uma causa justa, que é a causa do povo”, e os militares como “inimigos do povo”, “seres odiados”. Afirmando a nobreza da causa da luta armada, a boa conduta dos guerrilheiros e a má conduta dos militares, o discurso dissemina o “orgulho de ser terrorista”.

Por fim, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre a maneira como a questão da guerra revolucionária aparece no discurso da ALN. A abordagem é bastante focada na luta de revolucionários brasileiros contra a ditadura e, em diversas passagens, projeta-se a guerra como já em andamento. As discussões mencionam mais as fases da guerra revolucionária brasileira, seus problemas operacionais e, principalmente, suas ações táticas e estratégicas. Não há muitas discussões sobre o caráter da revolução, suas filiações teóricas, sua inserção na conjuntura internacional. Ao longo dos textos, praticamente não encontramos citações de autores consagrados no campo discursivo da esquerda revolucionária.

Embora o discurso da ALN seja predominantemente temático, ocorre um aumento no grau de concretização da linguagem, sobretudo quando o tema se refere às “ações revolucionárias”. Desse modo, surgem menções a práticas concretas de luta, como a *expropriação de bancos ou de latifundiários*, e não simplesmente abstrações como “fazer a revolução”. Essa construção encontra-se em total consonância com um discurso que se afirma antiteorista e defensor do princípio da ação.

O papel temático do guerrilheiro reforça a imagem do enunciador como sujeito do saber e o constitui como uma autoridade, um guerrilheiro habilidoso, experiente, seguidor da ética revolucionária, que *sabe* e *pode* fazer a guerrilha. O percurso temático da guerra revolucionária acentua uma visão de mundo que não é dispersiva ou contemplativa, mas que busca prioridades, o essencial para a atuação. Paralelamente, institui-se um enunciatário insatisfeito, inconformado, que *quer ser* e *crê poder ser* um guerrilheiro. Esse sujeito insatisfeito reconhece a autoridade do enunciador, dispondo-se a cumprir ordens para adquirir as competências intelectuais e físicas necessárias.

2.2.2. VPR: técnico e jogadores em treino

10. É necessário acreditar. É necessário amar a causa e a O. É necessário ver de forma inflexível que, sem a O., jamais atin-

giremos nosso objetivo – o socialismo (14, p. 1).

11. Quando ela [a ditadura] submete um quadro revolucionário à sua corte de justiça, está submetendo o proletariado. Ela não condena simplesmente o quadro, ela condena a causa do próprio proletariado – o socialismo (14, p. 3).

12. A qualquer momento podemos ser presos. Em todo e qualquer momento devemos ter histórias montadas (14, p. 3).

13. [...] Quando as organizações armadas se transformarem de fato em vanguarda política, ou seja, quando tiverem condições de iniciar a organização do apoio e participação do povo na guerra revolucionária, porque acredita que é a sua alternativa, teremos atravessado vitoriosamente a primeira fase (12, p. 314).

As qualidades do guerrilheiro compõem-se, nesse discurso, de modalidades da ordem do *crer*, do *saber* e do *dever*, o que fica explícito no décimo exemplo. O revolucionário ideal é descrito como um sujeito *convicto*, que *sabe* o que *quer*, *crê* na vitória da luta e decide se entregar a ela. Por isso, estabelece uma relação de *amor*, *respeito* e *compromisso* com a causa e a organização revolucionárias. Dessa junção entre razão e emoção fundam-se os princípios de um militante, considerados pelo discurso da VPR muito mais importantes do que qualquer competência técnica.

Outra característica relevante na constituição do revolucionário do discurso da VPR é o fato de ele ser apresentado como parte de um todo maior que engloba não apenas a causa, mas também a Organização. Essa condição (de parte do todo) abre duas perspectivas distintas. Por um lado, realça a impotência do sujeito e sua dependência da causa e da Organização, e, por outro lado, atribui ao sujeito um valor extrapositivo, que é o *poder* mudar o mundo, *fazer* a revolução socialista. Nesse sentido, o discurso de preparação do combatente para a ação revolucionária desenvolve-se com o foco no poder da repressão, reforçando as fragilidades da guerrilha e a necessidade de os combatentes agirem com cautela, preservando sua segurança e, principalmente, protegendo a organização e a causa. A vitória é apresentada como resultado de um percurso difícil, que está no início e será lentamente atravessado, o que a torna ainda mais tentadora. A relação com o inimigo deve ser desprovida de paixões; considera-se como grande trunfo para se defender *saber ser* racional, construir uma argumentação que pareça pertinente. Em outras palavras, diríamos que o sujeito está sendo preparado para *não perder* a batalha, não para ganhá-la, o que condiz com a definição da VPR de primeira fase da revolução, a “defensiva estratégica”.

A construção da estratégia de guerra leva em consideração análises teóricas, além de outros momentos históricos e outras situações revolucionárias. Em termos mais práticos, embora apresente a existência de três fases da revolução, o discurso desenvolve apenas a primeira. Semioticamente, o objetivo da primeira fase da revolução corresponde à instituição de uma relação de destinador e destinatário entre a vanguarda e as massas. Assim, o discurso da VPR procura ganhar a adesão das massas, preocupa-se com a melhor forma de aproximar-se dela, com as palavras de ordem empregadas etc., pois o objetivo é tornar-se uma vanguarda legítima. O enunciador mostra, assim, grande preocupação retórica e aponta a vanguarda como canalizadora das energias revolucionárias.

O discurso da VPR revela uma concepção de formação do militante e construção da guerrilha baseada nas interações, seja com a Organização, com as outras esquerdas, com as massas, com a repressão etc. Espera-se do combatente que ele saiba como funcionam essas entidades e como agir em relação a elas.

A análise apresentada na Subseção 2.2.2 mostra o enunciador como um sujeito modalizado pelo *querer fazer* a revolução, que *crê saber* como fazê-la e *quer* conquistar adeptos para a implementação de seu programa. Para isso, tal enunciador investe-se da imagem de um sujeito experiente, reforçando sua autoridade pelo fato de ser líder de uma organização revolucionária. Por outro lado, esse sujeito revela-se realista, alguém que conhece o funcionamento da luta armada. Assim, ele não fala apenas das vantagens dessa luta, mas também das dificuldades a serem enfrentadas. O enunciatário é instaurado como um sujeito que também *quer fazer* a revolução, mas não *sabe* como. Por isso, busca os conhecimentos do enunciador e integra-se à Organização, é um aprendiz, um aspirante a revolucionário.

3. ALN e VPR: semelhanças e diferenças

Encontram-se muitas semelhanças nos discursos da ALN e da VPR: o programa narrativo principal deles corresponde à Guerra Revolucionária; os valores atribuídos a essa forma de luta são de absoluto, ou seja, consideram o caminho armado o único possível para a transformação da sociedade; seus combatentes são supervalorizados; no processo de manipulação, ambos projetam a imagem de um guerrilheiro ideal, que o destinatário deve se sentir tentado a ser; na transmissão de competências, predomina a modalidade do dever; grande parte dos temas abordados nos documentos das duas organizações se repete, apesar de haver algumas diferenças no seu desenvolvimento.

Quanto ao enunciador, temos, em ambos os discursos, a constituição da imagem de um sujeito politizado

que, consciente das injustiças, das desigualdades sociais e do funcionamento do sistema opressor, informado com tal situação, decide agir no sentido de transformar a realidade. Um sujeito que *quer* e acredita que *pode* e *sabe* como realizar essa transformação: por meio da revolução. Um ser que planeja racional e objetivamente sua intervenção e está seguro e convencido de que suas escolhas correspondem ao único caminho para atingir seus objetivos. Um sujeito que tem uma imagem supervalorizada de si, pois acredita que pertence à vanguarda que mudará o mundo, o que o torna um ser diferenciado.

Do enunciatário, temos a imagem de um sujeito que quer mudar o mundo, acredita na revolução como uma forma de realizar essa mudança e está em busca de adquirir competências para se tornar um revolucionário. Por isso, se dispõe a cumprir as ordens que lhe são delegadas pelo enunciador. Um sujeito que quer pertencer à vanguarda e se imagina rompendo o código de ética socialmente predominante.

No que se refere às diferenças entre os discursos da ALN e da VPR, um aspecto relevante consiste no caráter mais concentrado daquele e mais expandido deste. Assim, o discurso do grupo de Marighella foca a sua análise de conjuntura nas questões nacionais e elege como inimigo a ditadura militar brasileira. Por meio de denúncia às atitudes atrozistas do governo, esse discurso estimula o ódio ao adversário. No desenvolvimento temático, procura ser inovador, apagando ao máximo os pressupostos teórico-metodológicos já consagrados pela comunidade revolucionária internacional, as experiências revolucionárias bem sucedidas e o vocabulário que remete explicitamente a partidos políticos de esquerda ou à teoria marxista, como “proletariado” ou “quadro”. Dessa forma, ao longo dos textos, quase não encontramos citações; as discussões teóricas são evitadas. A maneira escolhida para se diferenciar das demais esquerdas é o princípio da *ação*.

O discurso da VPR produz a sua análise de conjuntura a partir da dicotomia “capitalismo vs socialismo”, abrangendo todo o imperialismo integrado. O imperialismo é considerado o verdadeiro inimigo, e nossa ditadura, mera representante local. Baseado explicitamente nos princípios teórico-metodológicos do marxismo-leninismo, esse discurso procura se diferenciar das outras esquerdas afirmando poder elaborar uma estratégia mais adequada para a revolução brasileira, fundada na conciliação entre a teoria e a prática. Ressalta-se, assim, que, comparada à ALN, a VPR investe mais na construção de um discurso com aparência “científica”.

A formação do guerrilheiro também é concebida de modo diferente nos dois discursos. Do militante da ALN espera-se habilidade para a realização das ações e incorporação à ética revolucionária, um sistema de valores muito rígido. Paralelamente, estimula-se o ódio

ao inimigo, a violência e o orgulho de ser “terrorista”. A adesão de membros da esquerda e o apoio da população devem ser conquistados pelo exemplo da ação. Para o discurso da VPR, um dos valores fundamentais do guerrilheiro corresponde ao compromisso com o dever revolucionário. Por isso, é necessário que o militante ame a causa e a Organização, sinta-se em débito com elas, obrigado a honrá-las. A conquista de adeptos é concebida por meio da comunicação, do contrato estabelecido entre a vanguarda e as massas.

No discurso acerca da preparação para a guerra, a ALN projeta a cena de um combate, com os guerrilheiros em campo, mostrando as superioridades dos revolucionários em relação aos homens da ditadura. Com relação à guerra revolucionária, os temas exploram sobretudo as ações a serem implementadas, a forma de planejá-las, de executá-las etc., o que é feito com alto grau de concretização semântica. Já o discurso da VPR aponta as fragilidades da luta armada, as dificuldades a serem enfrentadas e a força dos inimigos, ressaltando a importância de o guerrilheiro saber se defender, proteger a causa e a Organização. Seus textos discorrem pouco sobre as ações revolucionárias e, quando o fazem, é de forma defensiva e bastante abstrata.

A última diferença que queremos ressaltar entre os dois discursos estudados corresponde ao traço passional do enunciador. Como o discurso da ALN é mais concentrado, seu enunciador revela-se mais intenso. Assim, a pressa em romper com a política do PCB e iniciar a luta armada e a projeção de uma cena de ação, como se a guerra já estivesse em andamento, conferem ao discurso um efeito de sentido de aceleração. De forma complementar, o ódio à ditadura e a valorização da violência do combatente, entre outros traços, produzem um efeito de sentido de intensidade. Com essa combinação, temos a imagem de um sujeito apaixonado, cheio de energia revolucionária. Já o enunciador da VPR revela-se analítico, reflexivo e cuidadoso. Em seus enunciados, ele procura encontrar uma síntese entre a teoria e a prática, entre o racional e o passional. De modo resumido, comparando os dois enunciadores, observamos que o enunciador da ALN revela-se mais vigoroso e explosivo, como se já se encontrasse em ação; em contrapartida, o da VPR mostra-se mais contido, menos entusiasmado, como se estivesse se preparando para agir. Tomando emprestado algumas metáforas do futebol, diríamos que o enunciador da ALN projeta a imagem de um líder em campo, o capitão do time, enquanto o enunciador da VPR representa o técnico da equipe em dia de treino.

Considerações finais

De modo mais específico, este trabalho tinha em vista dois objetivos complementares: estudar a estrutura e o funcionamento dos discursos da ALN e da VPR e rea-

lizar uma análise que abordasse os conceitos retóricos de *éthos* e de *páthos* da perspectiva da semiótica discursiva francesa. Gostaríamos, nessas considerações finais, de tecer alguns comentários em torno desses dois aspectos.

Começemos pelas questões teórico-metodológicas. Para nós, a ideia de ator da enunciação pareceu a mais próxima das noções retóricas acima mencionadas, pois ela engloba, ao mesmo tempo, o modo de ser, o saber, as crenças e as paixões do sujeito responsável pela produção do enunciado, reunindo, assim, o enunciador e o enunciatário. No processo analítico, a apreensão, de modo desdobrado, dos diferentes traços constitutivos do ator da enunciação revelou-se mais fecunda do que a tentativa de apreensão, de uma só vez, de sua totalidade. Por isso, ao longo da análise, procuramos extrair a imagem do enunciador, a imagem do enunciatário e a relação que se estabelece entre eles. Alguns recursos da teoria semiótica pareceram mais proveitosos para isso, tais como as modalidades; os valores; o investimento dos valores na instalação dos atores; o emprego do vocabulário; a forma de construção dos argumentos e a seleção e o modo de exploração dos temas. Ressalta-se, assim, que a imagem do ator da enunciação se constroi e se manifesta em todos os níveis do percurso gerativo do sentido.

Os aspectos passionais revelaram-se bastante significativos na constituição das imagens dos atores da enunciação dos dois discursos estudados, tendo sido fundamentais para a apreensão da diferença entre eles. Acreditamos que, devido à importância da ALN e da VPR para a luta armada brasileira, a partir das semelhanças observadas nos traços dos atores da enunciação de seus respectivos discursos, foi possível desenhar minimamente um perfil do ator da enunciação que chamaremos de *guerrilheiro*. Os sujeitos do discurso da luta armada possuem um forte desejo de mudar a sociedade e de fazer diferença para o mundo, um desejo de participar da construção de outro sistema, considerado melhor. Tais desejos são alimentados pela crença em poder realizá-los. *Querer e crer poder* mudar são marcas essenciais desse sujeito. Soma-se a isso a confiança no caminho escolhido e a convicção de que este era não apenas o melhor, mas o único caminho a ser seguido. Vale ressaltar que, tanto as semelhanças quanto as diferenças desses atores residem essencialmente em questões éticas e passionais, o que confirma a escolha de uma análise que privilegiasse o *éthos* e o *páthos*.

Por fim, gostaríamos de fazer alguns apontamentos em torno de uma questão de caráter mais amplo suscitada por esse artigo: a integração entre a Semiótica e a História. Não podemos esquecer que o discurso é fruto de uma realidade histórica e que, por sua vez, a História se manifesta principalmente pelo discurso. Nesse sentido, desde o surgimento da teoria, encontra-

mos trabalhos de semioticistas tratando dessa relação, entre os quais mencionamos dois. Inicialmente, o texto pioneiro de Greimas, “Sobre a história factual e história fundamental”⁶, no qual o autor faz uma reflexão sobre como apreender as invariantes, as estruturas narrativas do que chama de enunciado-histórico. Em outra pesquisa relevante sobre o assunto, Fiorin⁷, ao estudar o discurso dos presidentes do regime militar brasileiro, aborda a relação entre discurso e história pelo viés da ideologia, desenvolvendo uma análise que, além do nível narrativo, explora também a semântica discursiva.

Entretanto, como sabemos, a semiótica é uma teoria em movimento, que mais recentemente vem enfatizando os estudos sobre enunciação, paixão, tensividade, corpo e sensorialidade, de modo a captar as desestabilizações, os deslizamentos, as ondulações que atravessam o percurso de produção de sentido. Nessa perspectiva, acreditamos que, ao investigar as relações interdiscursivas e, principalmente, as características éticas e passionais do ator da enunciação dos discursos da ALN e da VPR, ou seja, ao incorporar questões que têm sido exploradas atualmente pelos semioticistas, trouxemos contribuições para a maior compreensão do funcionamento da luta armada no Brasil. Dessa forma, consideramos importante incentivar

que as novas abordagens teóricas sejam incorporadas aos estudos que tratam da interface entre a Semiótica e a História, o que, a nosso ver, renderá bons frutos às duas disciplinas. ●

Referências

Aristóteles

1991. *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française.

Fiorin, José Luiz

2004a. O páthos do enunciatário. *Alfa. Revista de Linguística*, São Paulo, Vol. 48, N. 2, p. 69-78.

Fiorin, José Luiz

2004b. O éthos do enunciador. In: Cortina, Arnaldo; Marchezan, Renata (Org.). *Razões e sensibilidade*. Araraquara. Vol. 1. p. 117-138.

Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph

1983. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix.

Ridenti, Marcelo

1993. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Unesp.

⁶ Em: Algirdas Julien Greimas, *Semiótica e ciências sociais*, São Paulo, Cultrix, 1976, p. 145-156.

⁷ Ver: José Luiz Fiorin, *O regime de 64: discurso e ideologia*, São Paulo, Atual, 1988.

Anexo - Lista de Documentos Analisados

I - ALN

| Título | Responsável | Data | Número de páginas | Referência |
|---|-----------------------|------|-------------------|---|
| 1. Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil | Carlos Marighella | 1967 | 14 páginas | MARIGHELLA, 1979, p. 117-130 |
| 2. Alocuções sobre a Guerrilha Rural | Carlos Marighella | 1969 | 4 páginas | CARONNE, 1984, p. 57-60 |
| 3. As perspectivas da revolução brasileira | Carlos Marighella | 1969 | 5 páginas | AEL/BNM (Arquivo Edgar Leuenroth/Coleção Brasil Nunca Mais - Unicamp), anexo 5335 |
| 4. Características de nossa atual estrutura | Carlos Marighella | 1969 | 2 páginas | AEL/BNM, anexo 5812 |
| 5. Mini-manual do guerrilheiro urbano | Carlos Marighella | 1969 | 26 páginas | In: DHnet. Rede de Direitos Humanos e Cultura. Disponível em: http://www.dhnet.org.br . Acessado em: 15 fev. 2007 |
| 6. O guerrilheiro, nº 1 | Agrupamento Comunista | 1968 | 4 páginas | Cedem (Centro de Documentação e Memória da Unesp.) |
| 7. O papel da ação revolucionária na organização | Carlos Marighella | 1969 | 18 páginas | AARÃO; SÁ, 2006, p. 264-281 |
| 8. Operações e táticas guerrilheiras | Carlos Marighella | 1969 | 10 páginas | AEL/BNM, anexo 75 |
| 9. Sobre a organização dos revolucionários | Carlos Marighella | 1969 | 3 páginas | CARONNE, 1984, p. 61-63 |
| 10. Sobre problemas e princípios estratégicos | Carlos Marighella | 1969 | 5 páginas | AEL/BNM, anexo 5812 |

II - VPR

| Título | Responsável | Data | Número de páginas | Referência |
|--|---|----------------|-------------------|---|
| 11. Os caminhos da Vanguarda (capítulos 1 a 6) | Jamil - VPR (Ladislau Dowbor) | 1969-1970 | 36 páginas | Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - Aperj. Coleção particular Daniel Aarão Reis Filho |
| 12. A vanguarda armada e as massas na primeira fase da revolução | Jamil- VPR (Ladislau Dowbor) | 1969 | 31 páginas | SÁ; AARÃO, 2006, p. 284-314 |
| 13. Caminhos da guerrilha | Cid (Carlos Lamarca) | Outubro/1969 | 12 páginas | AEL/BNM, anexo 777 |
| 14. Como deve comportar-se um militante na prisão | VPR | s.d. | 8 páginas | AEL/BNM, anexo 1812 |
| 15. Coquetel molotov | VPR | s.d. | 1 página | AEL/BNM, anexo 748 |
| 16. Estatutos e normas de segurança das Unidades de Combate da VPR | VPR | s.d. | 2 páginas | AEL/BNM, anexo 729 |
| 17. Informe n° 3 | VPR | Janeiro/1970 | 5 páginas | AEL/BNM, anexo 8200 |
| 18. Normas de conduta em centros urbanos | s.o. (da análise do estilo e do conteúdo desse documento, deduz-se que ele seja da VPR) | s.d. | 3 páginas | AEL/BNM, anexo 747 |
| 19. Normas de deligamento | VPR | Fevereiro/1970 | 1 página | AEL/BNM, anexo 689 |

Dados para indexação em língua estrangeira

Fulaneti, Oriana de Nadai

Pages of the Guerrilla: A Discourse Analysis of the Brazilian Armed
Left-Wing

Estudos Semióticos, vol. 7, n. 1 (2011), p. 10-22

ISSN 1980-4016

Abstract: *This paper presents some reflections on discourse historicity aiming to contribute to the field of semiotic studies by examining the discursive structure of texts of the two most important Brazilian armed left-wing organizations, namely the Ação Libertadora Nacional [National Liberty Action] (ALN) and the Vanguarda Popular Revolucionária [Popular Revolutionary Avant-Garde] (VPR), in the light of the rhetorical concepts of éthos and páthos. In the context of the dictatorial period in Brazil, and influenced by the ideals of the Vietnam War and the Cuban Revolution, amongst other events, left-wing militants decided in favour of the revolution, by forming armed groups to fight against the government. These groups, in activity in Brazil in the period between 1968 and 1973, were eventually massacred by the military regime, the majority of the combatants being murdered and those who survived suffering torture, living clandestinely, or sent to prison or into exile. Aiming at an understanding of the option for the armed fight as well as of the values and mobilizing impulse of these individuals, we comparatively analyzed ethical and passion elements in documents in the ALN's and the VPR's respective archives, according to the theoretical-methodological principles of French discourse semiotics. The approach of the notion of enunciation actor and particularly of the concepts of éthos and páthos, from a semiotic perspective, revealed similarities and differences in the discourses of the ALN and the VPR, based essentially on passion aspects.*

Keywords: *armed-fight discourse, discourse semiotics, enunciation actor, éthos, páthos*

Como citar este artigo

Fulaneti, Oriana de Nadai. Páginas da guerrilha: uma análise do discurso da esquerda armada brasileira. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 1, São Paulo, junho de 2011, p. 10-22. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 15/12/2010

Data de sua aprovação: 24/04/2011
